

TECNOLOGIA SOCIAL E INCLUSÃO: A TRADIÇÃO ORAL NO ACESSO À INFORMAÇÃO POR PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Keyla Rosa de Faria, Universidade Federal de Goiás (UFG), <https://orcid.org/0000-0002-7446-0224>

**Suely Henrique de Aquino Gomes, Universidade Federal de Goiás (UFG),
<https://orcid.org/0000-0002-5711-483X>**

RESUMO

Descreve as ações realizadas na Oficina de Leitura Cora Coralina promovida pela Biblioteca da Associação Down de Goiás. Buscou exemplificar a contribuição da Tecnologia Social na garantia de acesso à leitura por pessoas com síndrome de Down. A pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação, de abordagem qualitativa. Foi estruturada a oficina Cora Coralina com o objetivo geral de promover situações de vivências literárias as pessoas com síndrome de Down, na qual envolveu aspectos da infância, família e culinária contidos nos escritos de Cora Coralina. Estabeleceu-se como objetivos específicos: a) garantir o acesso a literatura às pessoas com síndrome de Down; b) incentivar a apropriação da literatura como processo formativo; c) integrar os familiares nas experiências vividas; d) vivenciar a imaginação e criatividade. A dinâmica envolveu a contação de histórias, roda de conversas, encenação das histórias contadas, artes (desenho a partir da história), e por fim, a viagem à Cidade de Goiás, para que os trabalhos sobre a autora poetiza se tornassem mais efetivos e conhecidos nos grupos. A oralidade foi a principal fonte de informação. Na tradição oral a memória é a peça-chave para desenvolver e construir novos saberes, e a partir disso compartilhar o conhecimento armazenado ao longo da vida. A Tecnologia Social se utiliza dos saberes populares e científicos para buscar soluções aos problemas inseridos em determinada comunidade. Assim, a tradição oral pode ser considerada uma ferramenta da Tecnologia Social, sendo uma fonte de informação alternativa para as pessoas com síndrome de Down. Conclui que a Tecnologia Social ao usar a tradição oral se revela eficaz na promoção da acessibilidade informacional as pessoas com síndrome de Down. Isso se dá porque o público envolto possui maior facilidade com a oralidade, já que apresentam limitações cognitivas.

Palavras-Chave: Fontes de Informação; Acessibilidade Informacional; Inclusão; Deficiência Intelectual; História Oral.

TECNOLOGÍA SOCIAL E INCLUSIÓN: LA TRADICIÓN ORAL EN EL ACCESO A LA INFORMACIÓN DE LAS PERSONAS CON SÍNDROME DE DOWN

RESUMEN

Describe las acciones realizadas en el Taller de Lectura Cora Coralina promovido por la Biblioteca Associação Down de Goiás. Se buscó ejemplificar el aporte de la Tecnología Social para garantizar el acceso a la lectura de las personas con síndrome de Down. La investigación se caracteriza como investigación acción, con un enfoque cualitativo. El taller Cora Coralina se estructuró con el objetivo general de promover situaciones de vivencias literarias para personas con síndrome de Down, en las que se involucren aspectos de infancia, familia y cocina contenidos en los escritos de Cora Coralina. Se establecieron los siguientes objetivos específicos: a) garantizar el acceso a la literatura a las personas con síndrome de Down; b) fomentar la apropiación de la literatura como proceso de formación; c) integrar a los familiares en las experiencias vividas; d) experimentar la imaginación y la creatividad. La dinámica involucró cuentacuentos, círculos de conversación, escenificación de las historias contadas,

artes (dibujo del cuento) y, finalmente, el viaje a la Ciudad de Goiás, para que las obras sobre el autor poético fueran más efectivas y conocidas en los grupos. La oralidad fue la principal fuente de información. En la tradición oral, la memoria es la clave para desarrollar y construir nuevos conocimientos y, a partir de ahí, compartir los conocimientos almacenados a lo largo de la vida. La Tecnología Social utiliza el conocimiento popular y científico para buscar soluciones a los problemas de una comunidad determinada. Así, la tradición oral puede considerarse una herramienta de la Tecnología Social, siendo una fuente alternativa de información para las personas con síndrome de Down. Se concluye que la Tecnología Social, al utilizar la tradición oral, demuestra ser eficaz para promover la accesibilidad informativa de las personas con síndrome de Down. Esto se debe a que el público comprometido tiene mayor facilidad con la oralidad, ya que tienen limitaciones cognitivas.

Palabras-Clave: Fuentes de Información; Accesibilidad Informativa; Inclusión; Discapacidad Intelectual; Historia Oral.

SOCIAL TECHNOLOGY AND INCLUSION: THE ORAL TRADITION IN THE ACCESS TO INFORMATION BY PEOPLE WITH DOWN SYNDROME

ABSTRACT

It describes the actions carried out at the Cora Coralina Reading Workshop promoted by the Associação Down de Goiás Library. It sought to exemplify the contribution of Social Technology in guaranteeing access to reading for people with Down syndrome. The research is characterized as action research, with a qualitative approach. The Cora Coralina workshop was structured with the general objective of promoting situations of literary experiences for people with Down syndrome, in which it involved aspects of childhood, family and cooking contained in the writings of Cora Coralina. The following specific objectives were established: a) guarantee access to literature for people with Down syndrome; b) encourage the appropriation of literature as a training process; c) integrate family members into the lived experiences; d) experience imagination and creativity. The dynamics involved storytelling, conversation circles, staging of the stories told, arts (drawing from the story), and finally, the trip to the City of Goiás, so that the works about the poetic author became more effective and known in the groups. Orality was the main source of information. In the oral tradition, memory is the key to developing and building new knowledge, and from there, sharing the knowledge stored throughout life. Social Technology uses popular and scientific knowledge to seek solutions to problems in a given community. Thus, oral tradition can be considered a tool of Social Technology, being an alternative source of information for people with Down syndrome. It concludes that Social Technology, when using oral tradition, proves to be effective in promoting informational accessibility for people with Down syndrome. This is because the engaged public has greater ease with orality, since they have cognitive limitations.

Keywords: Information Sources; Informational Accessibility; Inclusion; Intellectual Disability; Oral History.

1 INTRODUÇÃO

Democratizar o acesso à informação permeia dimensões que não se pautam somente nas questões técnicas do tratamento da informação. Ao permitir o acesso a todas e todos, o profissional da informação tem que

refletir sobre os aspectos sociais, culturais, cognitivos e econômicos do contexto que atua.

É inquestionável que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm contribuído para a acessibilidade informacional

da população de um modo geral. No entanto, pouca atenção tem sido dada ao desenvolvimento de Tecnologias Sociais (TS) para a democratização da informação a públicos distintos. A Tecnologia Social se utiliza de métodos e técnicas, que visam solucionar problemas sociais em interação com a comunidade, na busca de qualidade de vida. Esses movimentos potencializam e valorizam o saber de cada indivíduo em prol do coletivo.

A partir disso, esta pesquisa se justifica pela escassa produção científica na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, sobre esta temática. Diante do exposto, busca compreender como a Tecnologia Social contribui na garantia de acesso à leitura por pessoas com síndrome de Down?

Com isso em mente, estruturou-se a oficina Cora Coralina com o objetivo geral de promover situações de vivências literárias as pessoas com síndrome de Down, na qual envolveu aspectos da infância, família e culinária contidos nos escritos de Cora Coralina. Estabeleceu-se como objetivos específicos: a) garantir o acesso a literatura às pessoas com

2 MARCO TEÓRICO

O “[...] conceito de informação utilitária incorpora a dimensão da oralidade, que influirá, consequentemente, na escolha das fontes a serem usadas” (Campello, 1998, pp. 35). A partir dessas características peculiares, as “pessoas podem [elas mesmas] constituir fontes valiosas, e a biblioteca pode valer-se delas para obter informações históricas e outras que não estejam registradas em suportes formais (Campello, 2018, pp. 15).

Esse tipo de fonte - denominada alternativa - contribui para que as pessoas com síndrome de Down acessem informações sem a barreira da escrita, já que a comunicação verbal, mais especificamente, a história oral promove acessibilidade de forma mais democrática e qualquer usuário consegue se apropriar da informação.

síndrome de Down; b) incentivar a apropriação da literatura como processo formativo; c) integrar os familiares nas experiências vividas; d) vivenciar a imaginação e criatividade.

Categoriza-se aqui a história oral e os meios de compartilhar informação oralizada como TS, sendo relevantes para o êxito de se formar cidadãos competentes informacionalmente. Daí é importante pensar em ambiente acolhedor, com quadro funcional qualificado, no intuito de desenvolver a escuta afetiva, e a partir desta escuta promover o acesso à informação e aprimorar as competências informacionais de acordo com as necessidades e limitações das leitoras e dos leitores que usufruem da biblioteca.

A TS pode ser aplicada no âmbito da educação e cultura. Nesta pesquisa tomou-se a História Oral, com ênfase na Tradição Oral, por meio da contação de histórias, da visita aos museus, onde os conhecimentos foram repassados, trocados, (re)construídos no uso da oralidade, como um exemplo de TS no âmbito da biblioteca.

É consenso que a bibliotecária e o bibliotecário são educadores informacionais, sendo que “[...] O papel do educador fica mais evidente na medida em que o bibliotecário esteja capacitado na utilização das fontes e tenha habilidades e competências para expressar em linguagem, simplificada e compreensível, conceitos complexos que demandam linguagens especializadas”. Para, além disto, o profissional deve se preparar para “[...] indicar e utilizar fontes em seus vários formatos, suportes e funções, e adequadas aos problemas que se apresentam” (Dias & Pires, 2004, pp. 3-4).

Quando se trabalha com pessoas com SD, a linguagem é algo essencial, já que grande parte dessas pessoas não é alfabetizada, e apresenta dificuldade de se expressar oralmente, causada pela hipotonia da língua –

uma das características da síndrome. Esta constatação exige que o atendimento às demandas informacionais e os recursos acionados para tal (inclusive as fontes de informação) leve em consideração a realidade concreta desses usuários. Nesse sentido, a diversidade de fontes se torna imprescindível. Porém, essa diversidade varia de acordo com a

2.1 História Oral

A História Oral está “dividida em três gêneros distintos: a tradição oral, a história de vida e a história temática”. A Tradição Oral caracteriza-se por “testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra. Por meio da História Oral e suas metodologias pode-se resgatar tradições rurais e urbanas como cantigas de roda, brincadeiras e histórias infantis” (Rezende, 2014).

É importante ressaltar que a peça-chave da tradição oral é a memória, e esta se torna fundamental para que a “tradição oral possa ser

2.2 Tecnologia Social

De acordo com Gushiken, discutir TS é “abordar processos que, ao mesmo tempo, se inserem na mais moderna agenda do conhecimento e na mais antiga das intenções – a superação da pobreza” e, aqui acrescenta-se, a superação da desigualdade. Envolve dialogar sobre o “resultado concreto e inovador do trabalho de pessoas que resolveram problemas inspirados pela sabedoria popular”, mas sem deixar “o auxílio de pesquisadores. É também falar de produtos de organizações da economia solidária que se inserem num circuito econômico cada vez mais significativo” (Gushiken, 2004, pp. 13).

A sociedade equitativa deve considerar oito itens básicos de acessibilidade, a saber: arquitetônica, mobiliário e equipamentos,

tipologia da biblioteca na qual este usuário em potencial está inserido.

Deve-se ter em perspectiva que, cientes dessas características peculiares do público, privilegia-se as pessoas como fonte de informação, conforme recomendado por Campelo (2018).

um construtor de saberes, pois, possui a capacidade de armazenar os conhecimentos da vida” (Cavalcante & Chavier, 2017, pp. 3). Ao compartilhar esses conhecimentos registrados na memória o indivíduo contribui para a preservação histórica das tradições, dos usos e costumes de determinada comunidade.

A fala nos permite comunicar de diversas formas, mas o uso dela na tradição oral aprimora a valorização das culturas que se utilizam deste meio para disseminar a informação.

comunicacional, informacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. Os avanços tecnológicos têm proporcionado métodos, técnicas e produtos que auxiliam os leitores com deficiência a realizarem atividades de forma emancipatória. O uso da Tecnologia Social (TS), auxilia no processo de construção de uma sociedade inclusiva, mesmo porque, esta surge com base nos problemas sociais, e busca soluções por meio do diálogo entre os saberes, populares e científicos.

Desta forma, pode-se vislumbrar a possibilidade de pensar TS para inclusão da pessoa com deficiência com plena participação na estruturação de métodos voltados para o incentivo à leitura e à escrita.

2.3 Síndrome de Down

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, no Art. 2º e Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência – Art. 1º, considera-se pessoa com deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Brasil, 2009; 2015). Este conceito tem por base o modelo biopsicossocial, ou seja, a deficiência não se encerra no corpo, ela não pode ser limitadora.

A síndrome de Down é um dos tipos de Deficiência Intelectual (DI), sendo a alteração cromossômica mais comum. Ela se constitui em um acidente genético no cromossomo 21, que ao invés de ser par é formado por três cromossomos. Essa anomalia traz consigo

características próprias da deficiência, tais como: hipotonia muscular, língua profusa (em alguns casos para fora da boca), olhos amendoados, rosto arredondado, mãos menores com dedos mais curtos, prega palmar, orelhas pequenas, dificuldades motoras, estatura baixa, doenças cardíacas, doenças respiratórias e comprometimento intelectual.

Essas características estão inseridas neste texto como parte informativa do que é a síndrome, porém a pessoa não deve ser resumida a essas peculiaridades. Mesmo porque, cada indivíduo possui um desenvolvimento, seja ele, motor ou cognitivo.

Tais informações auxiliam para que os profissionais ao trabalharem, e/ou desenvolverem atividades com foco neste público percebam as nuances e potencialize as habilidades de cada ser.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se caracteriza em pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, conduzida a partir da estruturação de uma oficina literária, denominada “Cora Coralina” – escritora goiana de renome. A oficina foi organizada pela Biblioteca da Associação Down de Goiás, durante os meses de setembro e outubro de 2019. Os recursos empregados foram livros de autoria de Cora Coralina - “Os Meninos Verdes, O Prato Azul pombinho e As Cocadas” (Coralina, 2007a, 2007b, 2011). A dinâmica envolveu a contação de histórias, roda de conversas,

encenação das histórias contadas, artes (desenho a partir da história), e por fim, a viagem à Cidade de Goiás, para que os trabalhos sobre a autora poetiza se tornassem mais efetivos e conhecidos nos grupos. A oralidade foi a principal fonte de informação.

O oficina foi realizada uma vez na semana, na sede da Associação Down de Goiás, em tempo previsto de uma hora de atividades, contação e encenação das histórias.

4 RESULTADOS

A dinâmica adotada foi história oral, por meio da contação de história e roda de conversa (visitas aos Museus Cora Coralina e Arte Sacra da Boa Morte, e os monumentos históricos na cidade, tais como: estátua de Cora Coralina sentada na ponte do Rio Vermelho e à Praça do Coreto) foram essenciais para apreensão das

informações contidas nos contos e poemas trabalhados com as crianças e jovens com SD.

A visita ao museu Cora Coralina na cidade de Goiás permitiu aos participantes vislumbrar pessoalmente cada detalhe que a autora relatou nos seus livros, dinamizados na oficina.

Quando o grupo chegou ao cômodo que estava exposto o “Prato Azul Pombinho”, no outro o fogão a lenha, onde eram cozidas as cocadas, e ao adentrarem ao quintal, lembraram do jardineiro que cuidava das plantas do jardim e que jogou os meninos verdes no rio.

Foram momentos de interação e muitas falas sobrepostas, pois estavam agitados e não conseguiam esperar, a vez da sua fala. Ao exporem suas memórias da oficina de leitura construíram suas próprias narrativas diante da materialidade do espaço físico exposto nos livros. Aqui, percebe-se a relevância das fontes de informação disponibilizadas de acordo com a necessidade e a funcionalidade dos usuários que a utilizam.

A mediação realizada pela bibliotecária contribuiu para que os participantes da oficina desenvolvessem suas competências informacionais, uma vez que, este processo inicial no uso das fontes alternativas propiciou meios facilitadores às pessoas com SD, no que se refere à busca, uso e disseminação da informação. Foram feitos alguns registros fotográficos durante a execução da oficina e da viagem à cidade de Goiás.

Essa interação revelou aspectos positivos com relação à exposição dos textos lidos. Uma das exigências era que antes de iniciar os relatos individuais deveriam citar o título do livro, autoria, e qual o impacto da leitura. Na primeira semana foi algo novo, e tiveram dificuldades em relatar os tópicos na ordem, mas a partir da semana seguinte alguns dos participantes, ao iniciar a fala, já diziam os itens solicitados e, caso esquecessem algum item, o grupo completava a descrição. Isso demonstrou que é possível trabalhar com a busca, recuperação e uso da informação com as pessoas com síndrome de Down e desenvolver determinadas competências informacionais para buscar informação, e respeitar suas necessidades e limites.

A Figura 1 é o registro do momento em que desenvolveram as atividades de

representação da história, ou seja, expor por meio da arte a compreensão que tiveram dos contos que ouviram na contação de história.

Figura 1: Atividade de representação da história



Fonte: Arquivo pessoal da autora Keyla de Faria (2019).

Sobre os desenhos, cada um e cada uma dentro das suas habilidades artísticas desenvolveu seus projetos, a partir de pontos isolados da narrativa do texto. Observou-se que o verde estava presente em alguns desenhos. Um participante quis representar somente os personagens, ou seja, os meninos. Noutra imagem é possível ver rabiscos nas cores, marrom, verde e azul, e isso nos levou a interpretar que ele representou o jardim, a terra das plantas, e o azul, possivelmente é o rio, onde os meninos verdes foram jogados por ser diferentes. As meninas fizeram seus desenhos tendo por referência o espaço geográfico onde aconteceram os fatos, ou seja, a casa de Cora Coralina.

Ao chegar à cidade de Goiás o primeiro lugar a ser visitado foi a estátua de Cora, onde todas e todos se sentaram ao lado dela e registraram o momento. Ali foi revisada toda a biografia da autora, explicou novamente quem era essa pessoa sentada, o porquê de ela estar

neste lugar, enfim, o máximo de detalhes e informações foi repassado.

Na figura 2 temos a estátua de Cora Coralina e ao lado dela duas jovens que participaram das atividades na oficina. As duas é somente um exemplo, porque todas e todos quiseram estar ao lado da autora. O registro deste momento, se tornou uma fonte de informação. As mães relatam que as filhas e os filhos gostam de olhar as fotografias, quando chegam nas fotos da viagem à cidade de Goiás, começam a relatar suas vivências. As genitoras dizem que instigam as filhas e filhos a falarem mais sobre o assunto, e elas se surpreendem nos detalhes da fala. Neste ponto verifica-se o exercício da tradição oral, ou seja, o relatos das histórias que fazem a cultura e as tradições permanecerem no meio da comunidade.

Nota-se que mais uma vez a fonte de informação alternativa, com o uso da História Oral prevalece como forma de permitir o acesso ao conhecimento dentro das limitações cognitivas dessas pessoas.

Figura 2: Estátua de Cora Coralina



Fonte: Arquivo pessoal da autora Keyla de Faria (2019).

A Figura 3 apresenta o registro da visita ao Museu Arte Sacra da Boa Morte. Ir ao museu foi algo novo e as crianças e jovens com SD ficaram surpresas com as imagens. Após ouvirem as explicações técnicas do profissional que atua no museu foi questionado ao grupo a respeito das imagens em exposição.

Todas essas informações causam impacto na vida dessas pessoas, porque é uma maneira de acessar a História cultural, no uso da fonte de informação exposta em um equipamento cultural que é o Museu.

Essas interlocuções entre os espaços da biblioteca e o museu auxiliam no processo formativo das crianças e jovens com e sem deficiência, mas para as PcD a materialidade exibida no segundo espaço colabora para a compreensão, uma vez que, a subjetividade é algo complexo, e quanto mais objetivo a explicação maiores as chances de absorverem a informação.

Figura 3: Visita ao Museu Arte Sacra da Boa Morte



Fonte: Arquivo pessoal da autora Keyla de Faria (2019).

Na Figura 4 é possível perceber a força da liberdade. Encerrar as atividades da oficina com um banho no Rio Vermelho nos fez perceber o quanto a literatura influencia o indivíduo. Lembrar do contexto da história contada nas oficinas semanais, e a partir dessas memórias construir a sua própria história, é ter em si uma fonte de informação, mesmo porque, ainda hoje, quando vão à Biblioteca na ASDOWN, esses jovens solicitam outro passeio como o que tiveram na cidade de Goiás em 2019, antes de acontecer a tragédia da Covid-19

que aprisionou e exterminou milhões de pessoas.

Figura 4: Rio Vermelho, Cidade de Goiás



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa mostrou que a TS – tradição oral – é eficaz na promoção da acessibilidade informacional às pessoas com síndrome de Down. Isso se dá porque esse público possui maior facilidade com a oralidade, já que apresentam limitações cognitivas.

Mostrou-se aqui que a oralidade, quando acionada, permite fortalecer vínculos, além da sensação de pertencimento, ou seja, a construção de um ambiente acolhedor ao leitor e à leitora por intermédio da afetividade. Por se

Fonte: Arquivo pessoal da autora Keyla de Faria (2019).

Entrar no Rio teve um impacto simbólico, já que muitos desses jovens tiveram a primeira oportunidade de banhar em um local como este no dia da viagem. Viajar por meio da literatura e poder materializar os pensamentos se constitui em sonhos realizados. Tal fato se tornou uma informação alternativa, porque as crianças e jovens conseguem relatar o que vivenciaram e a emoção de estar a banhar no Rio dos meninos verdes.

sentirem parte do ambiente, acredita-se que o público-alvo dessa ação participará de forma mais efetiva e os frutos dessa mudança de comportamento no atendimento da biblioteca é o despertar para a prática de leitura e a construção de usuários com competência informacional, já que estão sendo estimulados a buscar, usar e disseminar informações. Nesse sentido, é interessante que os e as profissionais da informação procurem desenvolver Tecnologia Social eficazes para tornar a biblioteca mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

- Brasil (2009). Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm.
- Brasil (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
- Cavalcante, A. C. L. & Xavier, A. R. (2017, Maio 9). História oral e tradição oral africana: a construção de saberes. http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1490815424_ARQUIVO_ARTIGOTRADICAOORALAFRICANA.pdf
- Campello, B. S. (2018). Fontes de informação I. CAPES.
- Campello, B. S. (1998). Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. RBB, 22(1).
- Coralina, C. (2007b). As cocadas. São Paulo: Global.

- Coralina, C. (2007a). Meninos verdes. São Paulo: Global.
- Coralina, C. (2011). Prato azul pombinho. São Paulo: Global.
- Dias, M. M. K. & Pires, D. (2004). Usos e usuários da informação. EdUFSCar.
- Gushiken, L. (2004). Prefácio. In: Fundação Banco do Brasil. Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil. (pp. 13-14).
- Rezende, E. (2014, Jun. 24). História Oral: o que é? para que serve? como se faz? <http://pensadosatinta.blogspot.com/2014/06/historia-oral-o-que-e-para-que-serve.html>.